

## **Dar bandeira?!**

Dar de caras com um extenso e deserto areal, ladeado por edifícios degradados. É este o cenário encontrado quando se visita a praia do Pedrógão.

Ao cinzento da linha do horizonte junta-se o cinza dos caminhos, devastados por um imenso nada.

Mais do que uma praia, o Pedrógão parece ser uma masmorra balnear, emparedada, fortificada. Paira como algo de inóspito.

Praia fantasma poderia ser o seu nome. Estamos no Inverno e é este o cenário. Bandeira Azul nem vê-la. Mas será que mesmo este galardão bastava para animar o que mais parece ser um fantasma? Cremos que não.

A Bandeira Azul – um prémio pela boa qualidade da água – saiu da praia em 2003. A Câmara Municipal de Leiria, que poderia candidatar aquela estância balnear ao galardão, decidiu não fazê-lo mais. A mesma decisão foi tomada por municípios vizinhos.

A autarquia leiriense há muito que fez saber que discorda dos parâmetros de avaliação da qualidade da água. A decisão política fez com que de azul a praia tivesse só o mar. Em contrapartida, a associação ambientalista Quercus atribuiu o galardão de praia de ouro ao Pedrógão. Para a Câmara basta. Afinal, acredita que os critérios da Quercus são mais exigentes que os da Associação Bandeira Azul.

### O peso das celuloses

Embora sem Bandeira Azul, a praia do Pedrógão – a única do concelho de Leiria – continua a ser muito procurada no Verão. “Visitam a praia quatro mil pessoas por dia ao longo do Verão”, afirmou Manuel Cardoso, técnico de ambiente.

Mas poderiam ser mais. E, provavelmente, o número de visitantes à praia não aumenta porque pende sobre ela a suposta poluição decorrente das empresas de celulose da zona da Figueira da Foz. No mar são visíveis ocasionalmente longas manchas de espuma. Mas Manuel Cardoso atesta: “Esta praia reúne as condições necessárias para a atribuição da Bandeira Azul”.

À espuma que de quando em vez se encontra nas ondas há ainda a somar as algas. As correntes encham o areal desta espécie, afastando os turistas para outras praias. Afinal, os olhos também comem.

Embora muitos visitantes desconheçam, outro problema ressuscita com maior frequência do que seria desejável: a poluição das

suiniculturas. E se este é apenas um problema conhecido e contestado pelos residentes, a sua difusão pela imprensa tem levado a notícia a todo o lado.

### Praia sazonal

Perante este cenário, como captar mais turistas? Hotéis nem vê-los. Resta uma pensão. Pequena. E um parque de campismo gerido por uma empresa municipal. As casas são antigas. Velhas. Mesmo velhas. Salvam-se as acessibilidades. Boas. Falta uma ciclovia, há muito prometida para ligar a costa.

Mas quando se quer construir na costa, sobram os problemas burocráticos. Todos os solos da região estão classificados. Ou reserva agrícola ou reserva ecológica. A proximidade da Mata do Urso – que circunda a zona - parece afastar quem queira investir.

Mas mesmo as construções que existem – sobretudo na marginal – parecem não vislumbrar qualquer perspectiva de reabilitação. Uma indecisão que o técnico do ambiente constata e que parece ser um sentimento partilhado pelos residentes: “Os problemas inerentes à grande atractividade turística podem suplantar os benefícios trazidos pela expansão do local”.

Resta então viver a situação actual com os olhos postos num hipotético futuro que tarda em chegar.

A1

Ana Tomatas

Patrícia Pereira

Cristiana Gomes

Ânia Faria

Carmen Ferreira

Pedro Silva

Elsa